

O espetáculo televisionado: o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém¹

Renata Aparecida Frigeri²

Resumo: Adolf Eichmann foi o encarregado pela logística do extermínio nazista, ele era o responsável por encontrar, nas cidades fora da Alemanha, os judeus que ali viviam e enviá-los aos campos de concentração e extermínio. Ao final da Segunda Guerra Mundial, assim como outros líderes do Partido Nacional Socialista, Eichmann fugiu da Alemanha e migrou para a Argentina. Localizado pela polícia secreta de Israel, foi capturado na periferia de Buenos Aires e levado a julgamento em Jerusalém, seu julgamento foi televisionado ao vivo para o mundo todo. Este artigo pretende investigar os objetivos do recém fundado Estado de Israel com tal julgamento, bem como os reflexos que aconteceram em toda a Europa depois da mediação televisiva do Julgamento de Eichmann.

Palavras-chave: Eichmann; Jerusalém; Nazismo; Julgamento

Abstract: Adolf Eichmann was responsible for the logistics of the Nazi extermination, he was responsible for finding, in cities outside Germany, the Jews who were living there and send them to concentration and extermination camps. At the end of World War II, as well as other leaders of the National Socialist Party, Eichmann fled Germany and migrated to Argentina. Located by the secret police of Israel, he was captured on the suburb of Buenos Aires and brought to trial in Jerusalem, his trial was broadcasted by television worldwide. This article wants to investigate the aims of the newly formed State of Israel with the judgment and reflexions that occurred across Europe after the TV mediation of Eichmann Trial.

Keywords: Eichmann; Jerusalem; Nazi; Judgment.

Introdução

Ao término da Segunda Guerra Mundial, quando os russos chegaram aos territórios anexados pelo governo nazista e localizaram seus campos de concentração e extermínio encontraram centenas de milhares de prisioneiros, principalmente judeus,

¹ Trabalho apresentado no GT 1- Mídia e Conflitos do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI.

² Renata Aparecida Frigeri é estudante do Doutorado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: renatafrigeri@yahoo.com.br

além de construções preparadas para assassinatos em grande escala, com câmaras de gás, fornos crematórios, além de pilhas de corpos, roupas e cabelos.

No decorrer da guerra, os aliados já tinham suspeitas sobre os atos dos nazistas. Neal Bascomb (2010, p. 25) relata que em 1941 a Grã-Bretanha havia interceptado transmissões radiofônicas que descreviam detalhadamente execuções em massa de judeus na União Soviética. Além disso, em 1942, dois judeus fugiram de Auschwitz-Birkenau e relataram a logística do campo de extermínio.

Os campos de concentração representaram o horror e a barbárie que foi governo nazista por meio de um plano meticuloso para exterminar os judeus de toda a Europa. Hannah Arendt (1989, p. 373) destaca que os campos dos regimes totalitários servem como laboratórios, onde se demonstra a crença fundamental do totalitarismo, onde tudo é possível. Comparadas a esta, todas as outras experiências têm importância secundária, inclusive as barbáries médicas. As perguntas que se seguiram foram ainda mais assombrosas: como aqueles judeus chegaram nestes campos de concentração, que instrumentos foram usados nesta máquina da morte e como funcionava esta engrenagem?

Detalhistas, os nazistas registraram absolutamente tudo: desde os experimentos médicos realizados até os prisioneiros capturados e mortos, foi graças a esta obsessão alemã em catalogar seus feitos que o mundo inteiro pode conhecer os horrores vividos por pelo menos seis milhões de judeus, além de ciganos, alemães com doenças graves e homossexuais.

Foram encontrados centenas de documentos, horas de gravações audiovisuais realizadas nos campos de concentração e fora dele, fotografias que registravam a barbárie, todos devidamente catalogados e explicativos, além dos muitos sobreviventes, que puderam testemunhar e revelar o ocorrido:

Aqueles que não o viram com os próprios olhos não podem acreditar. Você mesmo, antes de vir para cá, levava a sério o que se dizia a respeito das câmaras de gás? Respondi que não. [...] ainda não acreditam, cinco minutos antes de serem mandados para o porão dos crematórios ainda não acreditam. (ROUSSET *apud* Arendt, 1989, p. 490).

O acervo imagético encontrado é amplo, há fotografias de todos os campos de concentração que registraram desde os experimentos médicos até cenas cotidianas dos prisioneiros, em trabalhos forçados e dentro de suas instalações. Diante da calamidade causada na Europa toda, especialmente contra o povo judeu, mostrar ao mundo o que ocorrera durante aqueles doze anos de governo nazista tornou-se prioridade aos Aliados, vencedores da Segunda Guerra Mundial.

Caça-se nazistas

Em 1945, quando acabou a Segunda Guerra Mundial com a vitória dos Aliados (Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética), deu-se início a uma verdadeira caça aos principais nomes do governo nacional socialista que comandavam da Alemanha desde 1933: homens responsáveis pela construção de câmaras de gás por toda a Europa, captação e morte de judeus. Muitos deles, inclusive o próprio Hitler, haviam cometido suicídio, alguns foram capturados e presos, no entanto, muitos fugiram para outros países ou esconderam-se dentro da própria Alemanha.

Bascomb (2010, p. 40) afirma que os nazistas mais importantes foram presos já nas primeiras semanas de ocupação, mas Adolf Eichmann, o responsável pela logística e transporte dos judeus aos campos, sequer era um nome conhecido dos Aliados.

Com tanta gente determinada a descobrir nazistas, Adolf Eichmann tinha uma vantagem: ainda não fora identificado como criminoso de guerra importante. Seu nome estava nas listas aliadas, devido especificamente às suas “atividades” na Tchecoslováquia, mas naquela época era um mero tenente-coronel entre dezenas de milhares de nomes. Os Aliados ainda não conheciam o grau de seu envolvimento com a Solução Final. [...] dado o início tardio da investigação aliada sobre os crimes de guerra nazistas, ele fugira. (BASCOMB, 2010, p. 41).

Esta perseguição inicial aos criminosos nazistas culminou no julgamento de Nuremberg, de 1945 a 1946, organizado pelo recém formado Tribunal Militar Internacional. Foram julgados 22 nazistas, dentre os quais 12 foram condenados a morte por enforcamento (Martin Bormann, Hans Frank, Wilhelm Frick, Hermann Göring,

Alfred Jodl, Ernst Kaltenbrunner, Wilhelm Keitel, Joachim Von Ribbentrop, Alfred Rosenberg, Fritz Sauchel, Arthur Seyss-Inquart e Julius Streicher), três foram condenados a prisão perpétua (Walter Funk, Rudolf Hess e Erich Raeder), dois foram condenados a 20 anos de prisão (Baldur Von Schirach e Albert Speer), Konstantin Von Neurath e Karl Dönitz cumpriram, respectivamente, 15 e 10 anos de prisão e apenas dois foram absolvidos – Hans Fritzsche e Hjalmar Schacht.

Este julgamento abriu caminho para outros doze processos de guerra com o objetivo de punir criminosos nazistas, todos foram realizados na cidade de Nuremberg em 1947 e separados por categoria: Caso I – Processo contra os Médicos; Caso II – Processo Milch; Caso III – Processo contra os Juristas; Caso IV – Processo Pohl; Caso V – Processo Flick; Caso VI – Processo IG Farben; Caso VII – Processo de Gerais no sudeste da Europa; Caso VIII – Processo Einsatzgruppen; Caso IX – Processo Einsatzgruppen; Caso X – Processo Krupp; Caso XI – Processo Wilhelmstraßen; Caso XII – Processo contra o Alto Comando.

Apesar destes julgamentos, estima-se que centenas de nazistas fugiram como Laszlo Csatory, acusado pela morte de mais de 15 mil judeus do gueto judaico da cidade de Kosice (Eslovênia), foi encontrado em julho de 2012 em idade avançada, ele dificilmente será julgado; ou então o Doutor Josef Mengele, conhecido como o anjo da morte, morreu afogado no Brasil em 1979, sem nunca ter respondido pelos seus crimes.

Outros grandes nomes nazistas desapareceram por completo, sem deixar rastros: é o caso do médico nazista, Aribert Hiem, acusado de centenas de mortes no campo de Mauthausen (Áustria), cometidas por meio de injeções letais no coração e cirurgias sem anestesia. Hiem nunca foi localizado.

Com a vantagem de não ser um nazista conhecido pelos Aliados, Eichmann conseguiu esconder-se durante os meses iniciais da ocupação e, segundo Bascomb (2010, p.77), fugir da Europa com destino à Argentina por meio de “uma rede cujos tentáculos se estendiam pelo continente e incluíam o Vaticano e os níveis mais altos do governo argentino. Seu novo nome seria Ricardo Kement”.

Foi durante os julgamentos em Nuremberg que muitos dos nomes nazistas desconhecidos vieram à tona, um destes nomes destacados foi o de Eichmann. Bascomb (2010, p. 56) relata que seu nome foi mencionado pela primeira vez no 20º dia

de julgamento, quando a promotoria citou um líder judeu que descreveu a chegada dos alemães na Hungria em março de 1944:

“Juntamente com a ocupação militar alemã, chegou a Budapeste uma ‘Unidade da Seção Especial’ da polícia secreta alemã com o único objetivo de liquidar judeus húngaros. Era encabeçada por Adolf Eichmann. [...] Os comandantes dos campos de extermínio só usavam as câmaras de gás seguindo instruções diretas ou indiretas de Eichmann”. (BASCOMB, 2010, p. 56).

Bascomb relata ainda que no dia seguinte ele foi novamente citado como o Chefe da Seção Judaica da Gestapo. Além disso, um depoimento de Dieter Wisliceny, capitão da SS, que trabalhou por onze anos com Eichmann, foi definitivo para provar o seu envolvimento com a Solução Final, termo cunhado pelos nazistas para denominar o genocídio contra os judeus.

Pesquisas da Mossad, a polícia secreta israelense, revelaram que muitos desses criminosos vieram para a América Latina, especialmente a Argentina, na época governada por Juan Peron, simpatizante declarado de Hitler. Durante 15 anos, Eichmann foi procurado e, finalmente, localizado pela Polícia Secreta Israelense, vivendo com a sua família na periferia de Buenos Aires.

Em uma missão secreta, integrantes da Mossad articularam sua entrada na Argentina, a captura de Eichmann e seu o transporte clandestino para Israel. A justificativa do sequestro para Arendt (1999, p. 287) está baseada no país onde o criminoso se escondia, “a Argentina tinha um impressionante passado de não extraditar criminosos nazistas”. Um pedido alemão anterior para extradição do Dr. Josefe Mengele, envolvido nos experimentos médicos em Auschwitz, por exemplo, havia sido negado.

O prisioneiro

Adolf Eichmann foi descrito por Arendt (1999, p. 65) como um homem de inteligência mediana, com grande disposição para obedecer ordens de superiores – fossem os nazistas ou a polícia israelense, com uma mente confusa onde os detalhes

memorizados tinham grande vínculo com sua ascendência profissional, para Arendt ele entrou para a SS por falta de opção em meio o desemprego que assolava a Alemanha na década de 1930. Prestes a cumprir sua sentença de morte

[...] começou dizendo enfaticamente que era um *Gottgläubiger*, expressando assim da maneira comum dos nazistas que não era cristão e não acreditava na vida depois da morte. E continuou: ‘Dentro de pouco tempo, senhores, iremos encontrar-nos de novo’. Esse é o destino de todos os homens. (ARENDR, 1999, p. 274).

Quando foi capturado pela polícia secreta israelense no dia 11 de maio de 1960 não reagiu ou resistiu, Arendt (1999, p. 264) atribui a sua falta de resistência pelo desejo de Eichmann em sair do anonimato e da vida miserável que levava na Argentina. Em sua estada no país, deu vários indícios de quem era, inclusive assumiu sua verdadeira identidade para a Colônia Nazista instalada por lá. Provavelmente também por sua ambição em ser (re)conhecido, em 1955 concedeu uma entrevista ao jornalista holandês Willem S. Sassen³ que publicou a história de forma abreviada na revista alemã *Der Stern*, em julho de 1960.

Eichmann alistou-se voluntariamente em 1933, mas foi em 1934, quando tomou conhecimento do Serviço de Segurança da *Reichsführer SS*, comandado por Himmler, que entrou para o trabalho que o faria um criminoso procurado por todo o mundo. Para Bascomb (2010, p. 42) não foi o antissemitismo a motivação principal que levou Eichmann ao partido nazista, influenciaram sua decisão também o Tratado de Versalhes, além da “necessidade que a Alemanha tinha de estabilidade e, em termos mais pessoais, o desejo de usar a mesma farda castanha e elegante dos outros rapazes da sua idade foram razões suficientes”.

O Tratado de Versalhes, assinado em 1919, após o fim da 1ª Guerra Mundial influenciou não apenas Eichmann, mas foi fator importante para a conquista de todos os alemães pelo governo nazista. Para Elias Canetti (1995, p.179) a alta conta atribuída à Alemanha pelo Tratado gerou um descontentamento geral da população e o

³ O holandês Willem S. Sassen foi membro da SS Armada durante o período nazista, fato que possibilitou seu acesso a Eichmann; Sassen foi condenado a morte *in absentia* na Bélgica, como criminoso de guerra.

controle do exército alemão determinado no tratado de paz foi responsável pela queda da República de Weimar e, conseqüentemente, pela popularização do nazismo.

Conforme relatado por Arendt (1999, p. 47), o primeiro trabalho de Eichmann foi espionar os outros membros, para garantir a ascendência germânica entre os soldados; depois disso foi designado para pesquisar e arquivar toda informação possível a respeito da Maçonaria; após alguns meses foi transferido para um departamento novo referente aos judeus, era o ano de 1935, quando as Leis de Nuremberg⁴ foram publicadas.

Eichmann tornou-se um perito em assuntos judeus após quatro anos naquele departamento: era ele quem fazia contato com os líderes judaicos e negociava a transferência dos judeus para o Leste, onde seriam reassentados; ele era o responsável pela logística da Solução Final. Zygmunt Bauman (1998, p. 205) afirma que quando a Áustria foi anexada, ele recebeu sua primeira condecoração por executar prontamente a emigração em massa dos judeus austríacos e foi graças a sua capacidade de argumentação e negociação que centenas de milhares de judeus “marcharam para a morte como carneiros para o matadouro”. (ARENDR, 1999, p. 15).

Para Bascomb (2010, p. 12), enquanto Eichmann esteve no cargo, ele “agia como se fosse o diretor de uma divisão de algum conglomerado internacional”, supervisionava todos os detalhes pessoalmente e traçava o plano, dividido em quatro partes: primeiro os judeus eram isolados, proibidos de viajar, usar o telefone e o rádio, eram impedidos de ocupar cargos públicos e deveriam usar a estrela amarela; o segundo estágio dos planos consistia em tomar posse da riqueza destes judeus, congelando suas contas bancárias e desapropriando suas empresas, lojas ou fábricas; na terceira fase, os judeus eram enviados aos guetos até que o último estágio chegasse: a deportação para os campos de extermínio.

A vaidade de Eichmann o acompanhou por toda a vida: quando foi pedir emprego para o governo nazista, ocultou detalhes de seus empregos anteriores; nos

⁴ As Leis de Nuremberg foram publicadas em setembro de 1935, durante o 7º Encontro do Partido Nacional Socialista; “estas leis privavam os judeus de direitos políticos, mas não de seus direitos civis, eles não eram mais cidadãos, mas continuavam membros do Estado Alemão, mesmo que emigrassem não ficariam automaticamente sem nacionalidade. Era proibido o ato sexual entre judeus e alemães, bem como a realização de casamentos mistos. Além disso, nenhuma mulher alemã com menos de 45 anos podia se empregar numa casa judia.” (ARENDR, 1999, p. 51).

últimos dias de guerra teria dito aos seus soldados “eu vou dançar no meu túmulo, rindo, porque a morte de 5 milhões de judeus na consciência me dá enorme satisfação”, um completo absurdo para Arendt (1999, p. 59) responsabilizar-se pela morte de 5 milhões de pessoas; durante seu julgamento tomou para si vários feitos de outros militares; ao ser entrevistado pelo policial Avner Less costumava se vangloriar, ao chegar no tribunal em Jerusalém, parecia falar para as câmeras – chegou a declarar que gostaria de se enforcar publicamente ao saber da culpa sentida pelos jovens alemães. Eichmann buscou a visibilidade por toda a vida e a encontrou no tribunal em Nuremberg.

O julgamento televisionado

Em 1960 os crimes nazistas não eram mais discutidos: o cinema norte americano achou por bem minimizar seu destaque, até quase sumir – não queriam mais torturar judeus asilados nos Estados Unidos; os alemães gostariam de esquecer o que aconteceu; a França entendeu que não era mais preciso intimidar os alemães, e assim, América e Europa pouco ou nada falavam do tema: o holocausto estava caindo no esquecimento.

Bascomb (2010, p. 74) reitera que o desejo do mundo todo era seguir em frente, “o início da Guerra Fria secara a vontade e os recursos dos Aliados, afastando-os da perseguição de criminosos de guerra”, ele afirma ainda que as condenações realizadas em Nuremberg já tinham sido suficientes para os líderes políticos. Devido a esta tentativa de esquecimento do Holocausto por todo o mundo, capturar e julgar Eichmann em Israel tornava-se ainda mais importante: “o povo judeu veria um dos principais organizadores do Holocausto ser levado à justiça. O mundo seria forçado a lembrar a indústria da morte que os judeus tinham enfrentado, e a recordar que nunca mais se deveria permitir que tais horrores se repetissem”. (BASCOMB, 2010, p. 158).

Os israelenses também objetivavam fortalecer a experiência dos jovens quanto ao holocausto e as dificuldades sofridas, era preciso reafirmar que o único lugar seguro para os judeus era Israel e “o julgamento iria mostrar-lhe o que significava viver

entre não-judeus, iria convencê-los de que só em Israel um judeu teria segurança e poderia viver uma vida honrada” (ARENDDT, 1999, p. 18).

Bascomb (2010, p. 135) reitera Arendt ao afirmar que “a captura do fugitivo e a divulgação pública dos seus crimes num julgamento lembraria ao mundo as atrocidades nazistas e a necessidade de manter a vigilância contra qualquer grupo que pretendesse repeti-las”. Por isso, o governo israelense autorizou a entrada de jornalistas estrangeiros no país para televisionar ao vivo o julgamento para todo o mundo: aproximadamente 500 jornalistas, dos principais veículos de comunicação foram a Jerusalém, eram americanos, franceses, ingleses, suíços, alemães, jornalistas de todos os continentes, representando os mais importantes veículos de comunicação do mundo, de modo a garantir a visibilidade do espetáculo para todos.

Com a captura de Eichmann, a preocupação das autoridades judaicas era fazer a própria justiça, dar visibilidade ao caso e ao julgamento:

[...] desde a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70, os judeus tinham a possibilidade de julgar crimes cometidos contra seu próprio povo. Pela primeira vez, não precisavam apelar a outros para proteção e justiça ou depender da comprometida fraseologia dos direitos do homem – direitos que, como ninguém sabia melhor que eles, só eram invocados por povos fracos demais para defender seus ‘direitos de homem branco’ e para impor suas próprias leis. (ARENDDT, 1999, p. 294).

Eichmann seria o primeiro nazista a ser julgado pelo crime contra o povo judeu, em todos os julgamentos anteriores os criminosos responderam pelo crime contra a humanidade. No total, relata Bascomb (2010, p. 313), foram 15 denúncias contra Eichmann, “sempre com a intenção de ‘destruir o povo judeu’.”

Transmitido ao vivo por dezenas de emissoras de televisão, o julgamento de Eichmann em Jerusalém teve início no dia 11 de abril de 1961; o réu ficou sentado ao lado de dois policiais israelenses, protegido por uma cabine de vidro a prova de balas enquanto ouviu mais de 100 testemunhas, duas mil provas e 3.500 páginas de protocolo da polícia israelense.

A aparência de Eichmann inquietou os presentes, definitivamente ele não parecia um monstro, Bascomb (2010, p. 259) destaca “o fato de alguém que mais parecia um funcionário dos correios, alguém de aparência e temperamento tão

medianos, fosse responsável por matar milhões de judeus era um horror, em si e por si”, para ele, os presentes “ficariam menos surpresos se fosse um monstro, tentando roer as correntes”. (BASCOMB, 2010, p. 311).

O mundo assistiu a um julgamento onde o réu dizia-se “inocente no sentido da acusação”, ouviu relatos de testemunhas que viveram nos campos de concentração e sobreviveram aos nazistas, teve acesso a inúmeros documentos minuciosamente detalhados e escritos pelos próprios alemães.

A repercussão não poderia ter sido maior: além de reavivar a discussão a respeito do Holocausto em todo o mundo, estimulou as denúncias de criminosos desaparecidos, Israel também pressionou outros países a iniciar os processos com seus nazistas presos, no entanto, o julgamento de Eichmann teve sua consequência de maior alcance na Alemanha.

A preocupação do então chanceler da Alemanha, Adenauer, era com o sentimento antigermânico que poderia se espalhar por outras nações, o que de fato aconteceu. Durante os dez meses de julgamento de Eichmann, a Alemanha ocupou-se na procura e na acusação de criminosos nazistas que ainda estavam no país. Até aquele momento

[...] as pessoas não se importavam com o rumo dos acontecimentos e não se incomodavam com a presença de assassinos à solta no país, uma vez que nenhuma delas iria cometer assassinato por sua própria vontade; no entanto, se a opinião pública mundial [...] teimava e exigia que aqueles indivíduos fossem punidos, estavam inteiramente dispostas a agir, pelo menos até certo ponto. (ARENDDT, 1999, p. 27).

Neste período, um jornal alemão – o *Frankfurter Rundschau*, fez a pergunta óbvia “Por que tantas pessoas que deviam conhecer o passado do promotor-chefe, por exemplo, se calaram?” e o próprio jornal respondeu “Porque essas pessoas também se sentiam incriminadas” (ARENDDT, 1999, p. 29).

Não se pode deixar de notar que o nazismo teve apoio popular, as mais diversas camadas sociais e profissionais estiveram ao lado do governo nacional-socialista, além do que, todos os extratos da sociedade ainda estavam repletos de funcionários que fizeram parte daquele governo. Apesar disso, para Arendt (1989, p. 476), os meros simpatizantes, ou seja, a grande massa populacional germânica não sabia exatamente o que acontecia, assim como só as formações da SS sabiam que os judeus

seriam exterminados no início da década de 1940: o terror e o absurdo das câmaras causavam a incredulidade da população em geral, até mesmo dos judeus.

Então a importância da visibilidade do julgamento de Adolf Eichmann tornou-se ainda mais significativa: ele foi o responsável pela logística que retirava judeus de suas casas, de vários países europeus, e encaminhava-os para os ditos “reassentamentos no Leste”, o que invariavelmente acabava em um campo de concentração para trabalhos forçados ou nos campos de extermínio.

O julgamento de Eichmann foi encerrado no dia 14 de agosto, depois de 114 sessões; a Corte foi suspensa por quatro meses e retomada no dia 15 de dezembro daquele ano, para pronunciar a sentença:

Pelo despacho pelo acusado de cada trem a Auschwitz, ou a qualquer outro local de extermínio, levando mil seres humanos, fazendo com que o acusado fosse cúmplice direto de mil atos de homicídio premeditado. [...] Mesmo se considerarmos que o acusado agiu por obediência cega, como afirmou, ainda temos a dizer que o homem que participa de crimes dessa magnitude durante tantos anos deve cumprir a pena máxima conhecida da lei. [...] Mas consideramos que o acusado agiu por identificação íntima com as ordens que recebeu e por vontade feroz de cumprir o objetivo criminoso. [...] Esta corte condena Adolf Eichmann à morte. (BASCOMB, 2010, p. 317).

No dia 22 de março de 1962 iniciaram-se os trabalhos de apelação junto a Corte e no dia 29 de maio a sentença não poderia mais ser revogada. A repercussão da sentença causou a comoção em diversos setores, centenas de cartas do mundo inteiro pediam clemência ao presidente de Israel, Itzhak Ben-Zvi: destacam-se os pedidos da Conferência Central de Rabinos Norte-americanos, o corpo representativo do Judaísmo Reformado, também dos Estados Unidos da América, um grupo de professores da Universidade Hebraica de Jerusalém, além da carta redigida pelo próprio Eichmann, sua esposa e sua família. Todos os pedidos foram rejeitados.

Ao se dirigir para o cadafalso, pediu uma garrafa de vinho e bebeu metade dela, dispensou o reverendo que lhe foi oferecido pois “não tinha tempo a perder”, segundos antes de sua sentença ser executada, declarou: “Viva a Alemanha, viva a Argentina, viva a Áustria. Não as esquecerei”. (ARENDR, 1999, p. 274). Para Arendt (1999, p. 274) a memória de Eichmann ainda lhe “aplicou um último golpe, ele estava animado, esqueceu-se que aquele era seu próprio funeral” e naquelas últimas

palavras resumiu a lição de maldade humana que o Holocausto deixou “a lição da temível banalidade do mal, que desafia as palavras e os pensamentos”. Eichmann foi mandado para a forca no dia 31 de maio, seu corpo foi cremado e as cinzas espalhadas no Mediterrâneo, fora das águas israelenses.

Considerações Finais

O governo totalitário alemão, comandado e centralizado em Hitler, não teve apenas um personagem que pudesse responder por todo o horror dos campos de concentração e extermínio. Para Bauman (1998, p. 193) as raízes desse horror devem ser procuradas e serão encontradas na obsessão de Hitler, na subserviência dos seus capangas, na crueldade dos seus seguidores e na corrupção moral semeada por suas ideias, além disso poderemos encontrar essas raízes em aspectos peculiares da história da Alemanha e na particular indiferença moral do alemão comum.

Eichmann, o homem da logística da Solução Final de Hitler, foi um desses capangas, no entanto muitas perguntas ficaram sem respostas, o promotor insistia em entender a passividade judia nesta marcha para a morte “chegando pontualmente nos pontos de transporte, andando com os próprios pés para os locais de execução, cavando os próprios túmulos, despindo-se e empilhando caprichosamente as próprias roupas e deitando-se lado a lado para ser fuzilados” (Arendt, 1999, p. 15), mas nunca obteve uma resposta conclusiva. Arendt (1989, p. 506) afirma que antes de destruir o corpo físico, a SS conseguia exterminar a *psique* de cada escolhido para a marcha para a morte. Aqueles que tentaram se rebelar tiveram uma morte difícil, se comparada ao final relativamente fácil oferecidos aos demais pelos homens da SS nas câmaras de gás ou nos fuzilamentos.

Levar Eichmann para a Corte de Jerusalém não foi apenas uma conquista para o recém criado Estado de Israel ou então uma resposta ao genocídio para com o povo judeu, tornou-se uma questão de justiça – assim como o objetivo de todo julgamento. A diferença principal entre o de Nuremberg e o de Jerusalém foi que no

primeiro os criminosos foram julgados por crimes contra a humanidade e outros crimes de guerra, enquanto neste o que se trouxe à tona foi o crime contra o povo judeu.

Para Bascomb (2010, p. 321), o julgamento teve um grande impacto em Israel, ele “unificou o país como nunca, desde a guerra de 1948. Ensinou ao povo israelense, principalmente aos jovens, a verdadeira natureza do Holocausto. E, depois de 16 anos de silêncio, permitiu aos sobreviventes contar abertamente o que tinham vivido”.

Permitir que mais de 500 jornalistas entrassem em Jerusalém com a finalidade de noticiar o julgamento para o mundo todo era a segurança dos israelenses de que o Holocausto voltaria a receber a devida atenção histórica em todos os países ocidentais, uma oportunidade em ressuscitar os danos causados não apenas a população judaica, mas a centenas de milhares de outras pessoas, não poderia ser perdida. As notícias que se seguiram tomaram as capas dos principais jornais de todo o mundo, foram divulgadas em programas de rádio e, principalmente, de televisão.

Televisar ao vivo o julgamento de Adolf Eichmann causou uma discussão em todo o mundo, fez com que a Alemanha procurasse e julgasse outros criminosos, trouxe de volta à cena a discussão sobre o nazismo, fez com que os alemães, os israelenses e o mundo todo refletissem sobre as atrocidades causadas por um governo totalitário, causou uma discussão para uma humanidade que não pode, de modo algum, esquecer que um dia houve o holocausto. Foi este julgamento que espalhou raízes na consciência cultural coletiva contemporânea para que o holocausto nunca mais seja esquecido.

Referências:

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo:** anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. Trad: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Eichmann em Jerusalém:** um relato sobre a banalidade do mal. Trad: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto.** Trad: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BASCOMB, Neal. **Caçando Eichmann**. Trad: Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Trad: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.